

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

ATA Nº 044 – “A”

PRESIDENTE – WILSON SANTOS

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Em nome do povo mato-grossense e sobre as bênçãos de Deus, eu declaro aberta esta Sessão Solene, cujo objetivo é homenagear um filho ilustre dessa terra, uma das mentes mais privilegiadas de todos os tempos do Brasil, alguém que fez carreira em diversas áreas e contribuiu enormemente para o pensamento nacional e pode sem dúvida ser considerado um dos construtores da pátria nacional.

Para esta Sessão Solene, eu convido para compor a mesa conosco o Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso, jovem conselheiro, Dr. Luiz Henrique Lima, neste ato representa a Corte de Contas do Estado de Mato Grosso. Uma salva de palmas para o Dr. Luiz Henrique. (PALMAS)

Dr. Luiz Henrique Lima, foi Deputado Estadual pelo Estado de Rio de Janeiro, na gestão do Governador Leonel Brizola. É economista, é conselheiro concursado e autor semanalmente de artigos, especialmente, que a nossa mocidade precisa ler. Escreve muitíssimo bem, autor de livro, coletânea de artigos impressionantes. Muito obrigado, Dr. Luiz Henrique pela presença.

Quero convidar para compor conosco a mesa o Presidente do Conselho Regional de Economia do nosso Estado e também Conselheiro Federal de Economia, Dr. Evaldo Silva, Presidente do CORECON - Conselho Regional de Economia de Mato Grosso, uma salva de palmas ao Dr. Evaldo Silva (PALMAS), que neste ato representa todos os economistas do Estado de Mato Grosso. E aproveito para saudar aqui um dos mais experientes economistas, ex-Secretário de Estado do Governo Pedro Pedrossian, Presidente da Federação de Desportos de Mato Grosso, Vereador por nossa Capital, Dr. Agripino Bonilha Filho, que está em nosso meio.

Convidado para compor a mesa Deputado Estadual de Mato Grosso de 1983 a 1986 e também Secretário de Estado, Dr. Ricardo Corrêa. (PALMAS)

Convidado para compor a mesa, empresário em Mato Grosso e sobrinho do homenageado, que veio para Mato Grosso trazido pelo Dr. Roberto Campos, com todo prazer quero convidar Fernando Almeida para que esteja conosco compondo a mesa (PALMAS). E que vai levar para casa hoje também uma homenagem que este Parlamento fez ao Dr. Roberto Campos, está guardado aqui com muito carinho.

E também o Prof. Aurelino Levy, Coordenador do Sistema de Índice de Preço ao Consumidor do nosso Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico - IBGE, ex-Presidente do CORECON. (PALMAS)

Composta a mesa, convidado a todos para em posição de respeito ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro.

(O HINO NACIONAL BRASILEIRO É EXECUTADO.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIA (EDSON PIRES) – A Mesa Diretora da Assembleia Legislativa sente-se honrada com a presença das autoridades que gentilmente

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

compareceram a esta solenidade: Eliane Menacho, Coordenadora do Fórum Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil de Mato Grosso; Vivaldo Lopes, Consultor da Fundação Getúlio Vargas; agradecemos a presença dos servidores da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso; Edegar Belz, Presidente do Instituto Liberal de Mato Grosso; Rafael Milas de Oliveira, Coordenador do Movimento Brasil Livre de Mato Grosso; Cássio Rogério dos Reis Batista, Fiscal do Conselho Regional de Economia de Mato Grosso.

Para o seu pronunciamento, autor do Requerimento, Deputado Wilson Santos.

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Eu quero antes convidar o Prof. Fernando Tadeu, que é Pró-Reitor de Cultura da nossa Ufmt, para compor conosco a mesa, por favor, Fernando.(PALMAS)

Obrigado!

Eu quero, ao cumprimentar toda a Mesa Diretora dos trabalhos, cumprimentar também a nossa plenária em nome da Drª Leila, querida Leila, sempre presente na história contemporânea de Mato Grosso, testemunha ocular dos fatos de pelo menos dos últimos 50 anos do Poder neste Estado; Dr. Vivaldo Lopes, emérito Professor, Secretário de Estado, Secretário da Capital; Professor Benedito, da Faculdade de Economia da nossa Universidade Federal de Mato Grosso - Ufmt; Coronel Luís Fernando Barros, ex-Comandante do Batalhão 44º Batalhão da Infantaria Motorizada.

Eu quero trazer uma pérola aos presentes: tive o privilégio de estar, em setembro de 1995, na Academia Mato-grossense de Letras quando da posse do acadêmico Roberto Campos. Eu tinha muita curiosidade em vê-lo e em ouvi-lo pessoalmente, meu amigo Deon Caporossi. E requisithei ao Dr. Eduardo Mahon, que pudesse me passar esse pronunciamento, que pudesse socializar com todos para termos uma noção mais do que vaga, precisa da inteligência, da sagacidade, da fineza, da intelectualidade desse cuiabano Roberto Campos.

Estou abrindo aspas e tudo que eu falar doravante é do pronunciamento do Dr. Roberto Campos:

“Minhas senhoras e meus senhores, foi com muito prazer que tomei o avião ontem à noite, partindo de Brasília para Cuiabá. Prazer por dois motivos: primeiro, porque sempre achei correta a definição arquitetônica da Capital federal, que lhe foi confidenciada por William Wolford, grande arquiteto inglês, durante um descontraído coquetel na Embaixada Brasileira em Londres: ‘Brasília é um exemplo perfeito, monumental.’”

Segundo, porque atendendo ao honroso convite da Academia Mato-Grossense de Letras, tão capazmente presidida pelo Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, transitaria de um palco político para um jardim acadêmico.

Era como sair de um parlatório para entrar num pensatório. Pensatório, ou em grego, é como Aristófanes chamava a Academia de Atenas.

Entreguei-me, então, a reminiscências sobre meu ingresso na cena política mato-grossense. No começo da década de oitenta, eu era embaixador do Brasil em Londres, e resignava-me à fatalidade de ingressar na fase desengonçada da terceira idade. Tinha que tomar uma decisão de angústia existencial: manter-me-ia fiel à vocação diplomática e tecnocrática ou buscaria, ainda que tardivamente, as avenidas pecaminosas da política, tornando-me um policrata?

Tinha antes recebido apelos de Governadores mato-grossenses – Fernando Corrêa da Costa, em 1962, e José Fragelli, em 1976 – para que pusesse minha experiência nacional e internacional a serviço do Estado natal. Mas não havia chegado ainda meu momento de ruptura com a carreira diplomática, que encetara por acaso e depois abraçaria com paixão.

No começo da década de 80, chegaram-me outros convites – o de José Sarney, então Presidente do PDS; o de Paulo Maluf, então Governador de São Paulo; e o de Frederico

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

Campos, então Governador de Mato Grosso – para que eu me lançasse numa campanha senatorial pelo PDS. Fi-lo (como diria o Jânio Quadros)...

A diplomacia não mais me apresentava interessantes desafios e estava cansado de explicar no exterior as confusas circungrirações da política brasileira. Certa vez, exasperado com informações contraditórias sobre nossa política econômica, e com o gritante descompasso entre as diretrizes proclamadas e as políticas praticadas, telefonei ao Delfim Netto, velho amigo, e então czar da economia, para dizer-lhe: A imagem do Brasil no exterior, Delfim, não pode ser salva pela exibição da verdade. Mas talvez possa ser melhorada pela coordenação de nossas mentiras.

Confidenciei minha intenção de abandonar a diplomacia pela política a um querido auxiliar, José Guilherme Merquior, que em Londres era meu conselheiro de Embaixada – um extraordinário talento de filósofo e sociólogo – prematuramente colhido pelas Parcas no auge de uma brilhante carreira diplomática e burocrática com obras seminais sobre sociologia e política.

Numa longa noitada, regada a uísque – convencidos da sabedoria do provérbio irlandês de que a realidade é apenas uma ilusão provocada por uma aguda escassez de álcool – Merquior e eu procuramos compendiar algumas leis da política, numa paródia das ‘Leis de Kafka’, fabricadas em artigo que eu escrevera trinta anos antes para a revista *Senhor*.

Lembro-me ainda da seguinte coletânea das 11 leis da política:

1. A lei de De Gaulle: ‘As promessas só comprometem aqueles que as recebem’.
2. A lei de John Randolph, Governador da Virgínia e um dos constituintes da Convenção da Filadélfia: ‘O mais delicioso dos privilégios é gastar o dinheiro dos outros’.
3. A lei de Getúlio Vargas: ‘Os ministérios se compõem de dois grupos: um formado por gente incapaz e outro por gente capaz de tudo’.
4. A lei de Homero: ‘Agamenon é pastor do povo. Como tal, protege os rebanhos, mas também tosquia a lã e come a carne dos carneiros’.
5. A lei de Bismarck: ‘As leis são como as salsichas. É melhor não ver como elas são feitas’.
6. A lei de Nelson Rodrigues: ‘Toda coerência é, em princípio, suspeita’.
7. A lei de Hubert Humphrey, Vice-Presidente dos Estados Unidos na administração de Lyndon Johnson: ‘É verdade que há vários idiotas no Congresso. Mas os idiotas constituem boa parte da população e devem estar bem representados’.
8. A lei de Montesquieu: ‘O político deve buscar sempre a aprovação, porém jamais o aplauso’.

E concluímos nossa noitada etílica com três leis pessimistas:

9. A lei do King Murphy: ‘Não estão seguras a vida, a liberdade e a propriedade de ninguém, enquanto a Legislatura estiver em sessão’.
10. A lei do Governador Mario Cuomo, de Nova Iorque: ‘Faz-se campanha em poesia, e governa-se em prosa’.
11. E, finalmente, a lei nossa, Campos-Merquior: ‘A política é a arte de fazer hoje os erros de amanhã, sem esquecer os erros de ontem’. (RISOS)

Minha experiência eleitoral em Mato Grosso foi estimulante e gratificante. Percorri o Estado de ponta a ponta. Passei a conhecer miudamente seus problemas e acredito ter trazido contribuição relevante para equacionar a solução de algumas urgências no tocante ao transporte rodoviário e aéreo, à energia elétrica, ao desenvolvimento agrícola e à saúde e saneamento. Tenho, em relação a meu Estado natal, a consciência do dever cumprido durante meus oito anos de mandato. Faltava-me uma qualidade: a presença física junto aos eleitores.

Sempre achei que seria mais útil ao Estado arranjando verbas em Brasília do que participando de festivas rodadas de chope nos sábados em Cuiabá. O avanço da idade impedia-me

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

de viagens constantes para atendimento pessoal ao eleitor. Minhas bases familiares estavam no Rio de Janeiro e, terminado meu mandato, achei que seria injusto recandidatar-me por Mato Grosso. Preferi abrir espaço para uma geração mais jovem que vivenciasse mais dinamicamente os problemas locais.

Se minha eleição como Senador, em 1982, foi o resultado esperado de uma grande porfia, minha eleição para a Academia Mato-grossense de Letras foi uma surpresa honrosa. Minhas qualificações literárias são limitadas. De vez em quando, consigo escapar ao economês, e assim o julgou a Academia Brasileira de Letras ao conferir ao meu livro de memórias *A lanterna na popa* o prêmio José Ermírio de Moraes. Dizem as más línguas que, se eu fosse realmente capaz, teria escrito um livro diferente: O farol na proa. (RISOS)

Tive, sem dúvida, fugazes incursões literárias na juventude. No seminário, cheguei a escrever poemas em latim, numa pálida e vã tentativa de imitar meu ídolo da juventude, Dom Aquino Corrêa. Ele era presidente do Estado, tendo sido um dos fundadores, em 1921, do Centro Mato-grossense de Letras, que, em 1932, se transformaria na Academia Mato-grossense de Letras.

Tive o bom senso de consignar meus poemas à lata do lixo. Não satisfaziam à definição da poesia autêntica, a saber, aquela que é um sonho sonhado na presença da razão. Limitei-me a dizer depois, quando enveredei pelos estudos econômicos, que tinha escapado a dois dos vícios dos jovens burgueses da minha época: ser bacharel e ter gonorreia. Só não escapei ao vício infantil de poetastro...

Já falei demais de mim mesmo. E antes que me assaquem a nefanda acusação de narcisismo, apresso-me a falar do que realmente conta: a Academia Mato-grossense de Letras, que hoje tão gentilmente me acolhe. A cadeira que vou ocupar, a de nº 6, tem distinta linhagem e revela que a Academia tem preocupações ecumênicas, compatibilizando vocações e ideologias variadas.

Seu patrono foi um astrônomo e matemático, notável Francisco José de Lacerda e Almeida; seu primeiro ocupante foi Cecílio Rocha, advogado militante; seu segundo ocupante foi o Desembargador Ernesto Pereira Borges, brilhante figura nas letras jurídicas; e, agora, apareço eu como teólogo *defroqué* e economista em exercício, praticante da arte de alcançar a miséria com o auxílio da estatística.

Também, ideologicamente, o espectro é variado.

Lacerda e Almeida, que morreu em 1802, em expedição científica na África, era súdito da Coroa Portuguesa, numa idade pré-ideológica, quando, apesar do vendaval da Revolução Francesa, o direito dos soberanos não ensejava opções políticas.

O primeiro ocupante foi um militante de esquerda, seduzido, ainda que não fanaticamente, pelas utopias marxistas. Meu imediato predecessor Ernesto Pereira Borges, como eminente juiz e homem da lei, poderia talvez ser classificado como conservador esclarecido. Eu me considero um liberal assumido. Não neoliberal, mas liberal clássico, desses que acreditam que o Estado, como dizia Walden Thoreau, é apenas uma conveniência inconveniente, um predador fantasiado de benfeitor, que só pode ser forte se for mínimo.

Os liberais acreditam no mote de que a democracia só é tolerável, porque governa pouco. Li com emoção a saga de Francisco José de Lacerda e Almeida e de Antônio da Silva Pontes, aquele astrônomo, este biólogo, transformados ambos em geógrafos por capricho da burocacia imperial. Fizeram, ambos, parte da Convenção Demarcadora de Limites, que iria implementar o Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, após formulado no Convênio de Madrid o princípio do *uti possidetis*. Para sorte de Mato Grosso e do Brasil os espanhóis nunca puseram em atividade sua comissão de limites, que atuaría conjuntamente com a comissão portuguesa com o resultado de que esta pôde fazer projeções ousadas da área portuguesa arbitrada segundo o Meridiano de Tordesilhas.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

Se a capitania de Mato Grosso ficou total e inquestionavelmente brasileira, isso foi devido em parte à inérgia dos espanhóis.

Odisséia, como diriam os gregos; saga, como diriam os nórdicos, eis os nomes apropriados para as aventuras do patrono desta cadeira Francisco José de Lacerda e Almeida e seu companheiro Antônio Pires da Silva Pontes, hoje, relembrados na geografia mato-grossense pela cidade Pontes e Lacerda. Deixaram a foz do Tejo em janeiro de 1780 e aportaram em Belém do Pará após uma viagem oceânica de 45 dias. Foi-lhes cometida, ao serem designados para a Comissão de Limites, a gigantesca tarefa de levantamento cartográfico das capitâncias setentrionais, incluindo o Piauí, o Maranhão, o Pará e São José do Rio Negro, descendo para a Bacia do Prata pela província de Mato Grosso. Esta era, então, governada por esse grande desbravador imperial, o Capitão-General Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres, que foi o verdadeiro herói conquistador da fronteira sul, tendo criado as Vilas de Albuquerque, hoje, Corumbá; Vila Maria, hoje, Cáceres, e de São Pedro Del Rei, hoje, Poconé, e feitas divisas de Mato Grosso com Goiás e Amazonas.

Consumiram dois anos de viagem por meio do inferno verde da Amazônia com 2.720 quilômetros percorridos até a chegada a Vila Bela, em fevereiro de 1782. Foi uma luta áspera e insana contra os perigos ocultos da selva: os ataques dos índios e das bestas e as mais insidiosas das inimigas, a malária.

Lacerda e Almeida, de saúde frágil, a tudo miraculosamente resistiu. Suas variadas obras como o *Mapa do Rio Madeira* e a *Carta Geográfica do Guaporé*, assim como o *Diário de Vila Bela à cidade de São Paulo* pela ordinária derrota dos rios no ano de 1788, formaram a base da corografia das províncias setentrionais e ocidentais do Império português no Brasil.

Note-se um pitoresco episódio, a que se refere Ernesto Pereira Borges, meu predecessor nesta cadeira, Lacerda e Almeida, de índole resignada, nunca protestou contra os baixos vencimentos, mas seu colega Silva Pontes apresentou reivindicação salarial ao Governador-Geral. Este, bizarramente, sugeriu que os dois cientistas assentassem praça de cadetes como artifício para auferirem algumas oitavas adicionais de ouro. Pelo visto, nosso hábito do ‘jeitinho burocrático’ tem profundas raízes coloniais.

Surpreendi-me ao saber da extensão e variedade dos trabalhos de Lacerda e Almeida durante sua áspera aventura nas selvas. Havia antes compulsado amplo material sobre a grande epopeia de Cândido Rondon, mas este fez seu périplo sertanejo um século depois, quando a floresta e as savanas estavam um pouco mais amaciadas.

Comparadas aos feitos da Comissão de Limites (que compreendia, além dos cientistas mais 18 praças de pré e 100 índios) empalidecem as peripécias consideradas ousadas do ex-Presidente Theodore Roosevelt. Este, após deixar a Presidência dos Estados Unidos, deu vazão a seu ânimo desbravador com uma expedição à busca das nascentes do Rio da Dúvida, no Norte de Mato Grosso, em 1913.

Quando jovem diplomata na Embaixada Brasileira, em Washington, durante a Segunda Guerra Mundial, tempo em que a nação americana era presidida por outro membro do clã dos Roosevelt, Franklin Delano Roosevelt, tive minha atenção despertada pela ousada aventura de Theodore e seu filho Kermit. Afinal de contas, era singular bravura deixar Nova Iorque para uma grande aventura na selva amazônica. Essa aventura, dizia Roosevelt, ‘seria sua última oportunidade de ser um menino’.

Durante a expedição, aquele que tinha sido um dos homens mais poderosos do mundo chegou à beira da morte ante o tropeço das corredeiras desconhecidas, as ameaças das feras, uma humilhante disenteria e a recorrência de uma febre tropical de cujas consequências o grande pionero nunca conseguiu totalmente escapar.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

Hoje, lendo sobre a saga de Lacerda e Almeida e Silva Pontes, patronos das cadeiras 5 e 6 desta Academia, sinto que as tribulações de Roosevelt, tão decantadas na imprensa mundial, foram apenas um episódio menor, uma nota de rodapé na história da conquista da Bacia Amazônica.

Sempre pretendi considerar-me um pioneiro, mas meu pioneirismo era ideológico no conforto da cátedra ou do púlpito político infinitamente menos desafiante e letal que o desbravamento de sertões ínviros.

Meu imediato predecessor na cadeira nº 6 foi o ínclito magistrado Ernesto Pereira Borges. Antes da magistratura exerceu os cargos de Procurador-Geral e Consultor Jurídico do Estado, Promotor de Justiça em várias comarcas até ser nomeado Secretário do Interior, Justiça e Finanças do Governo Ponce de Arruda.

Lendo o discurso de posse de Eugênio Pereira Borges, verifico, de imediato, duas afinidades: refere-se ele com admiração às teses de Santiago Dantas, contrárias ao positivismo jurídico em nome do humanismo, é que o positivismo jurídico, ao relativizar completamente o direito, torna-se uma expressão integral do anti-humanismo; Ernesto Pereira Borges se levanta, também, contra o nacionalismo, que Albert Einstein chamava de sarampo da humanidade. Minhas objeções eram, sobretudo, ao nacionalismo econômico, mas Borges se refere, também, ao nacionalismo político-jurídico que leva a dividir o mundo em compartimentos estanques cada vez menores e a isolar a raça humana em grupos independentes cada vez menores.

A atual tendência de integração de mercados globalizados, financeira e formação de complexos supranacionais demonstra que Borges e eu tínhamos razão.

É certamente uma honra para mim, suceder-lhe na cadeira nº 6. Ele deu a conceitos jurídicos, às vezes convolutos, um colorido literário apetitoso. Eu espero escapar às tentações de economês, convencido que estou de que, como dizia Hayek, ‘não é bom economista quem só é economista’. Minha bagagem humanística do seminário me vacinou contra a tentação de metrificar demasiado as variáveis do comportamento humano.

Luiz Felipe Pereira Leite, o grande historiador cuiabano, contou-me um detalhe da biografia pessoal de Borges – que, como ex-seminarista, considerei pitoresco –, Borges é neto do Padre Ernesto Camilo Barreto, que felizmente para o Brasil e para esta Academia, da qual o sacerdote é um dos patronos, não tomou demasiado a sério os deveres do celibato. Este, aliás, é de difícil cumprimento no tropicalismo sensual desta província, a ponto de, segundo Luiz Felipe, serem frequentes nos cemitérios mato-grossenses lajes de sacerdotes defuntos com a inscrição ‘tributo de amor conjugal’.

Seja-me permitido, à guisa de conclusão, dizer algumas palavras sobre minha experiência como Senador por Mato Grosso. Meu período no Senado Federal foi de grande isolamento ideológico. Eu desfraldava a bandeira do liberalismo econômico num momento de auge do nacional-populismo. Lutei contra os monopólios estatais, a política de informática, o intervencionismo governamental, quando a xenofobia e o Estado grande estavam na moda.

Procurei baldadamente desenvolver vacinas contra a doença dos ismos: o nacionalismo temperamental, que dificulta a absorção de capitais e tecnologia; o estatismo, que agiganta o Estado e o torna insolvente e ineficiente; o populismo distributivista, que nos pretende distribuir antes de produzir; o estruturalismo, que nos levou à permissividade monetária por errôneas técnicas de combate à inflação; o protecionismo comercial, que se transformou em acobertamento de ineficiências.

Fui objeto de calúnias e irreverências, mas nunca fraquejei em minhas convicções nem fiz concessões à demagogia nacionalóide. Repetia, *sotto voce*, para me animar, o refrão de Harold Laski, ainda que de um ponto de vista ideologicamente oposto: ‘Coragem, camarada. O

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

diabo vai morrer!' E recita a exortação de Dante – não o Governador, mas o da *Divina Comédia* –: ‘*Segui il tuo corso e lascia dir Le genti*’.

Vejo hoje com prazer que minhas teses se tornaram vitoriosas. Eu havia previsto o colapso do socialismo e a inviabilidade, para o Brasil, de uma abertura internacional. Ambas as coisas aconteceram. Vejo com prazer que começaram a morrer as vacas sagradas dos monopólios estatais. Com prazer, porque, conforme disse o humorista americano Abbie Hoffman: É das vacas sagradas que se fazem os melhores hambúrgueres’.

Meu pecado foi dizer as verdades antes do tempo. Quando o tempo da verdade chegou, eu não estava mais no Senado. Se minha experiência no Senado foi frustrante pelo isolamento ideológico, foi produtiva para Mato Grosso, pois tive êxito em mobilizar verbas e investimentos para o Estado. Deixei de concorrer quando percebi ser-me impossível dar a presença pessoal amiudada que os eleitores tanto requestam.

Deixei de representar Mato Grosso, mas não deixei de amar Mato Grosso. Ao Estado devo a oportunidade de cessar de ser apenas um tecnocrata para ser também um polícrata, ou seja, um híbrido, que espero fértil, de político e tecnocrata.

Aqui, neste Estado, estão minhas raízes. A família de minha mãe, originária de Nossa Senhora do Livramento, depois emigrou para Cuiabá e Cáceres e participou do desbravamento do Pantanal da Nhecolândia, uma saga a que assisti em minha primeira infância.

Muito obrigado a Clóvis de Mello por me ter encorajado a pleitear a cadeira nº 6, estendendo meus agradecimentos ao Dr. Satyro Benedito de Oliveira, que recordou episódios de minha carreira e homenageou a memória de amigos comuns. Muito obrigado ao Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, Presidente da Academia Mato-grossense de Letras, pela sua generosa avaliação de meu desempenho funcional e político. Suas palavras de acolhida, talvez, tenham exagerado meus méritos. Apesar de ser um homem modesto, não vou admitir que houve excesso nos elogios. Pois a modéstia é como as roupas íntimas de uma mulher: existem, mas não devem ser mostradas. Gostei, particularmente, de que Satyro me tenha chamado de ‘catedrático da modernidade’.

Recordo, desvanecido, o lindo e comovente poema com que me presenteou um velho amigo, que eu desejaría presente nesta cerimônia: Ives Gandra Martins, caráter sem jaça e um de nossos melhores talentos jurídicos do País.

Agradeço comovidamente a carta de Drª Maria Müller, aqui lida por Clóvis Pitaluga de Moura, essa nobre matriarca mato-grossense, que espero consiga culminar sua vida laboriosa, frutífera e exemplar, transpassando a barreira do centenário.

O julgamento favorável de Maria Müller sobre minha carreira e desempenho é duplamente valioso, pois ela chegou à idade em que, desfeitas e mortas as ilusões, o julgamento é objetivo e sereno. Prezo sua carta mais que o julgamento dos jovens, pois estes só sabem amar e odiar. Não sabem julgar.

Maria Müller foi aluna de meu pai, o professor Valdomiro de Oliveira Campos. Quando ele faleceu, eu tinha apenas 5 anos e as lembranças que dele guardei são confusas névoas. Mas sei que foi um visionário, pois em campanha senatorial em Poconé, em 1982, foi-me presenteado um recorte de jornal, de 1913, em que papai, então diretor do Grupo Escolar, anunciaava ter criado uma escola de taquigrafia. Criar uma escola de taquigrafia à beira do pantanal, oitenta e três anos atrás, era iniciativa que requeria imaginação profética e ousadia ilimitada!

Aos 78 anos, sinto que chegou o momento do crepúsculo biológico. Mas afasto a insidiosa tristeza, o ocaso, pensando no provérbio chinês: ‘Não se pode impedir que as aves da tristeza circunvoem nossas cabeças, mas podemos impedir que façam ninhos em nossos cabelos.’

Roberto de Oliveira Campos” (PALMAS)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIA (EDSON PIRES) – Quero agradecer e registrar, em tempo, a presença do Coronel Barros, da 13ª Brigada de Infantaria Motorizada; do Sr. Paulo Henrique Lopes de Carvalho, Assessor Especial, neste ato representando o Presidente da METAMAT, Sr. Marcos Vinicius Paes de Barros; da Srª Fátima Aparecida Ruzzene da Silva, Presidente do Clube de Mães Luz e Vida, Paiaguás II.

Na sequência, será exibido um vídeo sobre a vida do homenageado.

(PROBLEMAS TÉCNICOS AO PASSAR O VÍDEO.)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Enquanto faz a correção técnica, convido o Dr. Luiz Carlos Nigro, Secretário de Estado de Turismo, para compor conosco a mesa.

Por favor, Luiz Carlos Nigro.

Peço uma salva de palmas para o Secretário Dr. Luiz Carlos Nigro, que vem fazendo um belíssimo trabalho à frente daquela pasta. (PALMAS)

Quero convidar para receber uma placa da Assembleia Legislativa...

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIA (EDSON PIRES) – Sr. Presidente, em tempo, com a permissão de Vossa Excelência, quero convidá-lo para fazer a entrega da placa ao sobrinho do homenageado.

Convido o Sr. Fernando Almeida, neste ato representando o Sr. Roberto de Oliveira Campos (*in memoriam*), para receber das mãos do Deputado Wilson Santos a Placa de Homenagem, homenagem esta aprovada por esta Casa de Leis, por ocasião do 20º aniversário da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil.

(O SR. DEPUTADO WILSON SANTOS PROCEDE À ENTREGA DA PLACA DE HOMENAGEM AO REPRESENTANTE DO AGRACIADO – PALMAS.)

Esta solenidade está sendo transmitida ao vivo pela *TV Assembleia*, pelo canal 30, e pela *Rádio Assembleia FM*, homenagem ao Sr. Roberto Campos.

Volta a palavra para o Presidente da mesa, autor do Requerimento, Deputado Wilson Santos.

Podemos proceder a apresentação do vídeo, Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Estando tudo certinho, vamos ao vídeo.

(O VÍDEO DE HOMENAGEM É EXIBIDO.)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Concederei a palavra para alguns convidados, começando pelo Sr. Fernando Almeida.

O SR. FERNANDO ALMEIDA – Boa noite a todos!

Deputado Wilson Santos, nosso amigo Deputado, agradeço pela homenagem que faz ao nosso Roberto Campos, nosso professor; meu amigo Ricardo Correa; Pedro Bonilha; Vivaldo Lopes; minha companheira Cláudia; Lauristela e tantos outros amigos.

Roberto Campos nasceu em Cuiabá, na rua do meio, num casarão que teria sido alugado pelo meu avô inclusive, que era casado com uma irmã da mãe dele, na verdade sou primo dele. Esse casarão foi alugado pelo Dilemano Gomes Monteiro, eram amigos do exército do Rio de Janeiro, ele veio para cá e lá nasceu Roberto no dia 17, e Tocari, irmão da minha mãe, nasceu no dia 19. As duas irmãs tiveram os filhos, cada uma um filho, com dois dias de diferença. E viveram a primeira infância lá.

Depois foram para Corumbá. Seu pai faleceu quando ele tinha cinco anos de idade, como já foi contado, e eles foram para Corumbá, onde estava grande parte da família, nas fazendas Remanso, que foi do meu avô, Fazenda Firme, Palmeiras, Nhoco, e tantas outras fazendas.

Por fim, quando ele tinha seis anos de idade, foi para Guaxupé estudar num seminário e passou até o final da adolescência lá.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

Por falta de idade para ser ordenado padre, ele precisava achar outra saída, porque ele tinha que esperar um período para ser ordenado padre. Sua inquietação era muito grande, então, optou pelo Itamaraty, porque o seminário não fazia equivalência de Segundo Grau e ele não poderia prestar vestibular para Engenharia ou qualquer profissão liberal. Então, restava a ele o Itamaraty.

Ele foi para os Estados Unidos, fez pós-graduação em Economia, se especializou em Economia por necessidade, inclusive, do posto que ocupava, e aí teve a vida dele.

Quero agradecer a todos os companheiros na campanha de 1982, estive presente, foi quando eu vim para Mato Grosso.

Bonilha, lembro-me de você na época, candidato a Vereador; Ricardo Correa, candidato a Deputado Estadual; e tantos outros no Governo de Frederico Campos; Júlio Campos, candidato a Governador.

Período em que eu cheguei a Mato Grosso, um período que eu vou lembrar sempre como a melhor recordação.

Sou muito grato a esta homenagem, em nome da minha família e dos amigos do nosso Embaixador.

Esta homenagem que está sendo feita na Assembleia Legislativa... É muito importante esse reconhecimento. Realmente é um cuiabano ilustre que merece ser visto pela nossa sociedade mato-grossense.

Muito obrigado, Deputado Wilson Santos.

Muito obrigado a todos! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Mato Grosso é que agradece, Fernando Almeida.

Nós só tivemos dois mato-grossenses até hoje na Academia Brasileira de Letras: Dom Aquino, e no seu discurso de posse, Roberto Campos disse que era fã de Dom Aquino, e o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Paulo Brossard, dias desses, disse que o maior poeta brasileiro, na opinião dele, foi Dom Aquino. Dom Aquino e depois Roberto Campos são os dois únicos mato-grossenses, dois cuiabanos, que chegaram à Academia Brasileira de Letras.

Convidado para compor conosco a mesa, o Professor Edinaldo Gomes de Sousa, Secretário Adjunto de Educação, neste ato representando o Secretário Marco Marrafon. (PALMAS)

Com a palavra, ao ex-Deputado de Mato Grosso, no período de 1983 a 1986, Ricardo Corrêa.

O SR. RICARDO CORRÊA – Sr. Deputado Wilson Santos; Conselheiro Luiz Henrique; toda a mesa composta.

Estou vendo aqui o Secretário Luiz Carlos Nigro, seu avô foi um dos melhores amigos de Roberto Campos, seu Oliveira; plateia cheia de amigos e amigas do Senador que participou da campanha de 1982.

Cumprimento a todos, não vou citar nomes para não ser injusto com ninguém.

Deputado Wilson Santos, Vossa Excelência, como professor de História, orgulhoso muito por lembrar de Roberto Campos.

Sou mineiro de nascimento, mas mato-grossense de coração e por adoção, e tive a honra de conhecer esse homem nesta Casa.

Em 1980, 81, 82, eu era o 1º Vice-Presidente da Assembleia Legislativa.

Na minha reeleição de Deputado, participei com ele na eleição dele ao Senado. Ficamos amigos, posso dizer. Ia ao Rio de Janeiro. No período em que ele foi Senador por oito anos por Mato Grosso, e eu, Secretário de Obras, Indústria e Comércio, Deputado Estadual no então Governo Júlio Campos, eu ia todo mês a Brasília para almoçar ou jantar com ele para ter uma aula

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

de mundo, uma aula de Brasil. E esta semana, quando completamos o Seminário dele, eu aprendi muito mais sobre quem foi o Roberto Campos.

Estive, segunda-feira passada, em uma Sessão Solene, no Senado Federal, em homenagem a ele, requerida pelo nosso Senador Cidinho Santos. Vários Parlamentares falaram, e, no dia seguinte, ia ter uma Sessão Solene na Câmara Federal, porque ele ficou oito anos também, e seria homenageado; e, na nesta terça-feira, eu fui ao Rio de Janeiro assistir um seminário que o Itamaraty estava promovendo em homenagem a Roberto Campos.

E a leitura que eu faço é que nós tivemos o maior intelectual do século passado aqui de Mato Grosso. Da metade do século passado, o grande homem público intelectual foi o Roberto Campos. E eu tive a honra de conhecê-lo de perto, cuiabano de nascimento. Saiu daqui para estudar fora, porque não tinha condições de estudar outras coisas. Formou-se em teologia, em filosofia e fez concurso para o Itamaraty, em 1939, concurso público. Roberto nunca foi indicado por nada. Ele foi chamado por merecimento ou por concurso público.

Foi para Washington. Fez Economia na Universidade de Washington, enquanto trabalhava. Depois fez doutorado na Universidade de Colômbia, em Nova York. Na época da guerra, cuidava dos suprimentos da nossa Embaixada, para comprar o petróleo que o Brasil precisava. E logo pós-guerra, isso foi passado a um Deputado, não me lembro agora, contado pelo Roberto. Ele estava em Washington, e o Getúlio Vargas o chamou. Chamou para dizer que ia receber uma visita do Secretário de Estado Americano e o que o Getúlio pediria para ele em função da posição do Brasil na guerra.

Estava muito na moda o Plano Marshall, que foi feito para recuperar Europa, o Japão, mas era impossível, porque a guerra não chegou a América do Sul. Então, quando ele conversou com o Getúlio e tal, ele não era nem Embaixador ainda, era um 2º Secretário, 3º Secretário de embaixada e ele disse para o Getúlio: “Olha, o plano Marshall não adianta falar que não vai ter para a América do Sul, a guerra não veio para cá, mas nós podemos pedir para eles a frota da Marinha Mercante, que está aqui na nossa costa, porque os suprimentos passavam por aqui para sair, que nos dê o presente.” Quando o Secretário de Estado chegou, Getúlio chamou o Roberto, abriu a reunião e falou: “fala você”. Ele não tinha muita fluência no inglês e assim foi feito. O Roberto, em nome do Getúlio, pediu uma compensação e foi dada à Marinha Mercante brasileira a frota dos navios Americanos que estava na região da América do Sul.

Quando estava em Washington, como assessor da delegação brasileira, ele participou da Conferência de Bretton Woods, que resultou a criação do Banco Interamericano, do FMI, de todas as entidades que ditaram o mundo daí para frente. Quando Getúlio assumiu, nós vimos aqui agora, ele fez parte dos técnicos que fizeram plano de meta de Juscelino, que foi aquele “cinquenta anos em cinco”, ele estava lá presente, um dos técnicos.

Veio Jânio Quadros, o nomeou embaixador em Washington. Tem uma passagem que ele conta neste livro que você tem agora, na época este pianista, hoje maestro famoso, João Carlos Martins, estava começando a fazer sucesso e uma americana, uma senhora da sociedade de Washington perguntou se ele conhecia o João Carlos Martins. Ele falou que não. Aí procurou saber e o João Carlos ia fazer um concerto em Washington e ele ofereceu uma recepção a ele na embaixada. E naquelas recepções, antigamente, usávamos muito aquelas roupas, fraques e tal, ele tinha um mordomo, na embaixada dos Estados Unidos, era um gringo de dois metros, daquele tamanho, o Roberto.

Na hora dos cumprimentos, o tal Embaixador, o mordomo, era época de inverno, os convidados chegavam e tiravam os casacos, entregavam para ele e cumprimentavam o mordomo. Isso ele contando na simplicidade e humildade dele.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

Aí passou o Governo Juscelino, veio o Jânio e depois Jango, e ele estava na embaixada, em Washington. E o Jango começou aquele movimento, que no fim deu em 64. Aí falou que ele apoiou a revolução de 64. Ele não estava aí na época. O que ele fez, ele entregou o cargo de Embaixador, porque não concordava com as atitudes de Jango lá. Renunciou o cargo de Embaixador de Washington. Entregou. E ele veio para o Brasil. Passou um tempo, veio a Revolução, veio o Castelo Branco.

Um dia, Luiz Viana Filho foi Senador, foi Chefe da Casa Civil do Castelo, liga para ele e fala que o Castelo Branco queria falar com ele. “Falar comigo? Eu não o conheço.” “Não, ele precisa falar com você”. Veio, foi para Brasília, foi atendido, Castelo Branco o convidou para ser Ministro do Planejamento. Ele, Otávio Gouveia de Bulhões e o Papa deles, Eugênio Gudan, eram grandes economistas da época.

Nessa época, eles criaram o Banco Central, o BNDE, depois veio US, mas na época era o BNDE, o fundo de garantia de tempo de serviço, porque o empregado quando ia fazer dez anos, o pessoal mandava embora para não ficar com obrigação trabalhista. E várias outras entidades, o BNH, tudo isso que era o saneamento. O Brasil não tem o saneamento desde a época do BNH quando encerraram o BNH.

Pois bem, aí terminou o Governo de Castelo, esses três grandes economistas entregaram o Governo para Costa e Silva, para Delfim assumir o Ministério da Fazenda e ser a época do milagre econômico do Brasil, a época que o Brasil mais cresceu em função desses projetos feitos pelo Castelo Branco. E o Brasil disparou, tinha o crescimento de China hoje naquela época.

E ele fora da Embaixada, fora do Ministério, fora do Ministério, não concordava. Veio o Ernesto Geisel, que não gostava dele. O Ministro das Relações Exteriores de Ernesto Geisel era o Silveira, falavam Silveirinha, mas os dois não se bicavam. E o Ernesto Geisel o mandou para Londres como uma forma de deixar o Roberto longe para ficar livre das críticas do Roberto. E sabia que ele lá arrumaria recursos para o Brasil. Dito e feito.

Ele ajudava em tudo que era possível e nesse ínterim, como Vossa Excelência já disse, teve três chances para vir para Mato Grosso para ser candidato. José Manuel Fontanillas Fragelli, que eu lembro, Vossa Excelência falou de não sei quem antes, na época do Frederico Campos. Na época do Fragelli ele não veio, porque a legislação eleitoral naquela altura tinha que descompatibilizar, tinha que ter filiação partidária dois anos antes, depois mudou para um ano e ele veio a ser candidato aqui.

E quando ele veio falaram para ele: “Olha, você é cuiabano, mato-grossense, mas não fez nada por Mato Grosso, você tem que justificar a sua vinda para cá”. Foi aí que, por meio de um planejamento com o Governador Frederico Campos, fez aquela carga pesada, que foi dois mil quilômetros de estrada asfaltada em BR.

Nós fizemos, asfaltamos estradas federais que o Governo do Estado, quando Dante de Oliveira negociou, teve que assumir e nós estamos pagando até hoje. Foram criados 500 quilômetros até Sinop; 400 quilômetros até Barra do Garças; 280 quilômetros na BR-158 até Nova Xavantina e Água Boa; enfim, na área da energia foram as primeiras PCHs - Pequenas Centrais Hidrelétricas que Mato Grosso criou, foi naquela época, linha de transmissão; Projeto Cyborg, Vossa Excelência que conhece bem, foi tudo ele que arrumou. E ele veio para ser candidato.

Os adversários na época, a oposição dizia que era um candidato pesado, da carga pesada, porque ele era um candidato pesado. Elegemos Roberto Campos. Todos nós, mato-grossenses. Disputou com nomes de peso: Garcia Neto, Gabriel Novis Neves e o Roberto Campos ainda ganhou.

Foi para o Senado. Olha, eu convivi com isso. Quando Roberto Campos anunciava que ia falar no Senado, enchia as galerias, o plenário, os Senadores saíam correndo na hora em que a

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

campainha tocava para ouvir, porque era uma aula! A imprensa divulgava aquilo como um tratado ou alguma coisa e era impressionante.

O único político que convivi em Mato Grosso desde a divisão do Estado, nunca vi um político que ligasse para um Presidente da República ou ele atendia na hora ou em seguida retornava.

Então, realmente, a sua lembrança, Deputado Wilson Santos, emociona-me. Acho que Mato Grosso devia fazer mais por esse nome, pois aqui não há nenhum poste com o nome de Roberto Campos.

Levei meu neto, filho do seu aluno Marcelo, Vinícius no seminário do Itamaraty, ele está se formando em Relações Internacionais no IBMEC, uma boa faculdade, fala três idiomas. Assistiu comigo e falou: "Vô, nunca ouvi falar desse homem", porque a ideologia fez com que o Roberto fosse taxado como Bob Fields, americanófilo, que o pensamento dele... Realmente ele pensava que devíamos nos alinhar com os americanos, Silveirinha achava que não. Depois veio o PT e tínhamos que ficar junto com os bolivarianos, com a África e deixamos passar.

Eu nasci ouvindo que o Brasil é um País do futuro, acho que vou morrer ouvindo que o Brasil será um País do futuro, se não fossem essas obras que foram feitas em 1982, como estaria o nosso agronegócio hoje?

Delfim Netto fez um artigo há dois ou três anos que quando inaugurou daqui a Sinop, em 1985... A Drª Leila está aqui, sabe disso, o Sr. Júlio estava comigo lá, eu estava lá, convidaram o Delfim para vir e ele passou por Sorriso, que devia ter dois mil habitantes, no máximo, Sinop não tinha cinco mil habitantes, dez mil, não tinha. Ele esteve lá há cinco anos e falou que quando entrava nas poucas casas que haviam, os agricultores moravam em lonas pretas, e quando voltou agora, entrou em Sorriso, entrava nas firmas, o produtor estava *on line*, falando com Chicago para saber o preço das *commodities*.

Imagina que a nossa estrada que hoje é pista simples, até hoje é a mesma, foi reformada, mas é a mesma. Foi concedida para ser duplicada, mas infelizmente quem ganhou a concessão está no meio do furacão, está no centro do furacão político do Brasil hoje.

Então, são certas coisas que têm que ser resgatadas em nosso Estado e o senhor como professor de História, como Deputado, como estudioso, um homem que lê muito, temos que fazer a nossa juventude ler um pouco do nosso passado, quem não tem história, não tem presente e nem futuro. Eu acho que temos que resgatar isso para o povo mato-grossense.

E para não delongar mais, o Roberto foi um dos grandes frasistas do Brasil, as tiradas dele eram... Não é? Ele falava: "Democracia..." No livro dele, ele conta que tirou de um americano, "democracia é o melhor regime do mundo, o que atrapalha é o tal do voto", esse é difícil. E várias outras!

A ironia é o recreio da inteligência, ele era muito irônico, a Tolnira sabe disso. Todo cidadão irônico é acima da média em inteligência. Depois que Roberto votou o impeachment, depois que Ulisses morreu – eu falei isso no Senado esses dias –, ele fez um artigo que deveria ser também muito publicado, ele e Ulisses foram da mesma geração, ele e Ulisses estiveram em campos opostos, um pensava uma coisa e outro pensava outra. Ele sabia tudo de economia e não sabia nada de política, o Ulisses sabia tudo de política e nada de economia. Imaginem se eles tivessem trabalhado juntos na mesma época, com os mesmos Presidentes, o que o Brasil não seria melhor hoje!

Mas, nunca é tarde para rememorarmos o passado. O Mura estava comigo neste final de semana, discutindo muito que nesse ano dos 100 anos, em que se comemora o nascimento dele, os jornais do Brasil, homenagens fora, eu vi muitas, aqui em Mato Grosso a única coisa que vi foi um site dizendo que ele tinha uma namorada.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

Roberto, por ter sido seminarista, conheceu o sexo muito tarde, e acho que por isso ele exagerou um pouco depois, mas nada fora do normal de um homem e ele nunca escondeu isso de ninguém. Agora, falar que ele usou de alguma coisa, dessas empresas para isso, é um absurdo. Eu espero que Vossa Excelência resgate esse nome, essa história e que nós brasileiros, principalmente, os mato-grossenses, tenhamos muito orgulho de ter tido um Senador: Roberto Campos.

Muito obrigado. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – O ex-Deputado Ricardo Corrêa falou sobre frases, eu vou ler aqui algumas frases que a nossa assessoria coletou:

“Quando cheguei ao Congresso, queria fazer o bem. Hoje, acho que o que dá para fazer é evitar o mal. A burrice não tem fronteiras ideológicas. Por amor ao passado, o Brasil perdeu o presente e comprometeu o futuro. O mundo não será salvo pelos caridosos, mas pelos eficientes. A diferença entre a inteligência e a estupidez é que a inteligência é limitada. Para sentir as coisas, é preciso emoção, para fazê-las e desfazê-las, é necessária uma certa dose de paixão, mas entendê-las, só com a razão. Cometi o único pecado que a política não perdoa: dizer a verdade antes do tempo. A diferença entre a empresa privada e a empresa pública é que aquela é controlada pelo governo, e esta por ninguém. São três as raízes da nossa cultura: a cultura ibérica, que é a cultura do privilégio; a cultura africana, que é a cultura da magia; e a cultura indígena, que é a cultura da indolência. Com esses ingredientes, o desenvolvimento econômico é uma parada.”

Convido para usar a palavra o Prof. Fernando Tadeu de Miranda Borges, Pró-Reitor de Cultura da Universidade Federal de Mato Grosso.

O SR. FERNANDO TADEU BORGES – Exmº Sr. Deputado Wilson Santos, em nome de Vossa Excelência e do Fernando Almeida, sobrinho do Roberto de Oliveira Campos, eu cumprimento toda essa mesa, todos os convidados, destacando especialmente o nosso colega Dr. Agripino Bonilha Filho, economista, nosso mestre maior; Dr. Benedito Dias Pereira, colega da Faculdade de Economia, meu chefe, diretor, que foi; Drª Leila Francisca de Souza, como Vossa Excelência disse, Deputado, desde os anos 50 que a Drª Leila Francisca de Souza trabalha no Governo do Estado de Mato Grosso. Então, é uma pessoa que tem a memória política de todo esse período.

Eu quero cumprimentar o colega Dr. Abílio Fernandes Camilo, que aqui se encontra, os nossos alunos, professores, colegas economistas.

Quero dizer que eu não poderia perder esta oportunidade, principalmente pela sua proposta de fazer uma Sessão Especial pelos 100 anos de Roberto de Oliveira Campos, que nasceu em 1917, um ano conturbado, porque era um ano de guerra mundial e também um marco, porque era a revolução socialista da União Soviética, que hoje também tem que ser o aniversário do seu centenário.

Então, de modo que a minha vida, como economista, percorreu distante e perto de Roberto Campos, porque, ao fazer economia, você estuda Roberto Campos. É claro que na graduação você estuda um pouco de economia brasileira, mas não trabalha necessariamente o pensamento, o pensador. E sempre, quando estudante, eu tinha o interesse em conhecer mais de perto aquelas pessoas que eu estudava, mas tínhamos um pouco da distância da filosofia, de modo que ela caminhava mais no sentido prático.

Então, o Roberto de Oliveira Campos fez parte da minha formação nesse período. Depois de formado, comecei a lecionar na Universidade Federal de Mato Grosso, porque o século XX, para Mato Grosso, é um século muito interessante, porque você tem personagens muito fortes no Brasil, que saíram de Mato Grosso e de Cuiabá: Roberto de Oliveira Campos, Dom Aquino Corrêa, como Vossa Excelência mesmo colocou com profundidade, Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República; Rondon, muito forte; Dante Martins de Oliveira; e temos um marco dentro de Mato

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

Grosso, que é a criação da Universidade Federal de Mato Grosso, em 1970, que vai completar 50 anos em 2020. E ela é um marco divisor para a oportunidade para quem morava aqui, principalmente, eu. Eu talvez teria dificuldade de ter estudado se não tivesse sido, em 1970, criada a Universidade Federal de Mato Grosso.

De modo que eu terminei esse curso na Universidade Federal de Mato Grosso. Passei a trabalhar na Universidade Federal como professor. Vieram as primeiras eleições. Nós estávamos num período lutando pela volta das eleições e nós tivemos uma eleição bastante acirrada, movimentada, apaixonante, em que estavam Roberto Campos, Gabriel Novis Neves, estavam Vicente Bezerra Neto, Dr. Garcia Neto. Então, foi uma eleição que tem muita história, muita coisa para ser contada, relatada da nossa história política.

Eu não tive tanto contato com Roberto Campos, embora estivéssemos, mais ou menos, próximos também, mas não ficamos tão próximos nessas eleições.

Depois, eu fui fazer mestrado na Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração. E ali na faculdade, nós tivemos uma palestra com o Roberto Campos, e foi numa Sessão mesmo da Fundação do Instituto de Pesquisas Econômicas da USP. E ali eu tive a oportunidade, pela primeira vez, de ter um contato bem próximo com o Roberto Campos, expondo suas ideias, explicando o Brasil, pensando o Brasil.

Então, ali eu pude perceber que ele era um dos estudiosos daquela nossa época, nos anos 60, 50, 40, 30, que pensava o Brasil, porque existiam pessoas que vinham pensando o Brasil e querendo dar um sentido, uma direção, para a economia brasileira, para o desenvolvimento brasileiro, tentando encontrar saídas. Eram discussões muito acaloradas e apaixonantes. De modo que esse contato foi dessa época.

Terminei o mestrado, voltei para cá e orientando nos programas de pós-graduação em História, mestrado e doutorado; e no mestrado em Economia, eu provoquei um jovem a fazer um trabalho sobre Roberto Campos no mestrado, que era o Marcos Túlio. Eu disse: Marcos Túlio, por que você não estuda Roberto Campos? Temos muitos estudos sobre Roberto Campos em várias universidades do Brasil e sempre me instigou que tivesse alguém daqui, que morasse aqui, não necessariamente que tivesse nascido aqui, mas tivesse abraçado Mato Grosso para viver, para estudar essas pessoas daqui. Eu consegui. Ele fez a prova, foi aprovado, o projeto foi aprovado e no mês de março ele defendeu um trabalho de mestrado sobre Roberto de Oliveira Campos, fazendo uma passagem pela trajetória do pensamento dele na área da economia brasileira, da política econômica brasileira. E nessa oportunidade comprei muitos livros de Roberto Campos. Tenho interesse em conhecê-lo mais de perto. Ele é muito instigante, mas é muito instigante como intelectual.

Acabei comprando quase toda a coleção de trabalhos do seu tio, Fernando, e confesso que pela passagem, pelo material, as frases... O parágrafo é recheado de pensamentos e frases sobre o Brasil, sobre a economia e ele dizia algo muito interessante.

Por que Roberto de Oliveira Campos é meu colega, também, na Academia Mato-grossense de Letras, conforme o Deputado ressaltou? Ele participa, participou e integra, porque ele é imortal. Estará lá o nome dele para sempre na Academia Mato-grossense de Letras.

Chamou-me muita atenção quando ele entrou para a Academia Brasileira de Filosofia, porque ele disse algo, que saiu da filosofia para a economia e voltou à economia pela filosofia. Então, foi algo que me chamou muito atenção quando ele fez esse discurso na Academia Brasileira de Filosofia, depois, ele foi para a Academia Brasileira de Letras e, também, anteriormente na Academia Mato-grossense de Letras.

De modo que fica aqui o registro de alguém interessado na história dos intelectuais, principalmente dos intelectuais mato-grossenses. Ele é uma pessoa que viveu pouco

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
ROBERTO CAMPOS, REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE 2017, ÀS 19H.

tempo aqui. Saiu pequeno e tem uma trajetória de vida de muita luta. Nessa pequena parte que eu passei como aluno pela trajetória de vida do Roberto Campos o que me chamou muita atenção foi a sua mãe, porque a mãe de Roberto Campos era uma mulher muito determinada. Eu atribuo, também, as conquistas que ele teve na vida, orientação, estudo na área de filosofia, no seminário, porque, naquela época, no Brasil era muito difícil alguém conseguir estudar. Ou ela ia para o seminário ou ela ia para a Escola Militar. E para Roberto de Oliveira Campos foi o seminário.

No seminário, depois, ele percebeu que não teria vocação para prosseguir e desistiu. Procurou emprego de professor, mas, embora gostasse da atividade, percebeu, acho, a dificuldade. Ele tinha uma vontade muito grande de ampliar o caminho e foi aí que ele concorreu ao Itamaraty. E não era fácil, e ainda não é, entrar no Itamaraty, de modo que, principalmente, para Roberto Campos com parcos recursos, com aquela dificuldade, a mãe costureira...

Então, nesse sentido, para os jovens que vão estudar e que querem pensar o Brasil; e que querem pensar o mundo, eu acho que ler Roberto Campos com esse interesse é sempre muito rico e pode nos ajudar bastante nessa caminhada em busca de mudanças de paradigmas, em busca de discussão sobre a ciência, em busca de discussão do Brasil que nós estamos pensando.

Muito obrigado! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Antes de encerrar esta Sessão Especial, agradeço a presença de todos e convido para, em posição de respeito, ouvirmos o Hino de Mato Grosso.

(O HINO DO ESTADO DE MATO GROSSO É EXECUTADO.)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Está encerrada a presente Sessão Especial.

Equipe Técnica:

- Taquigrafia:

- Cristiane Angélica Couto Silva Faleiros;
- Cristina Maria Costa e Silva;
- Dircilene Rosa Martins;
- Donata Maria da Silva Moreira;
- Luciane Carvalho Borges;
- Nerissa Noujain Salomão Santos;
- Rosilene Ribeiro de França;
- Tânia Maria Pita Rocha.

- Revisão:

- Ivone Borges de Aguiar Arguelio;
- Regina Célia Garcia;
- Rosa Antonia de Almeida Maciel;
- Rosivânia Ribeiro de França;
- Sheila Cristiane de Carvalho;
- Solange Aparecida Barros Pereira.